



Pe. Eugénio Maria do Menino Jesus

mestre de oração e contemplação

António José de Jesus Gomes Machado, OCDS



«O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. 27E aquele que examina os corações conhece as intenções do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos.» (Rom 8, 26-27)



«Ele está vivo! O Espírito de amor que habita em mim e que me conduz depois de tanto tempo. Presença viva, que invade e domina. É Ele que difunde o Amor e que faz a Igreja. A minha santidade será acreditar n'Ele, na Sua presença e de me deixar conduzir pelo Seu poder.»

(Pe. Eugénio Maria, Nota íntima, 1952)

O que é a oração?

«Perguntemos primeiro o que pensamos da oração, o que evoca essa palavra. Para a maioria dos humanos, a palavra “oração” evoca um ato religioso, uma recitação de preces vocais. Para os artistas e poetas evoca certa emoção religiosa, uma sensação que se experimenta no mais profundo e melhor de si mesmo, emoção na qual se acredita encontrar certo contacto com Deus. Para o filósofo, ao menos para alguns dentre eles, a oração é como um ultrapassar as coisas exteriores, o mundo sensível, e até mesmo certa região do campo intelectual, transposição que conduz mais longe nas profundezas do espírito. Sabemos que alguns filósofos modernos colocam, precisamente nessa descoberta, nessa realização do mais profundo de si mesmo e do seu próprio espírito, uma descoberta de Deus.

Para o místico, a oração é também uma transposição, uma procura de Deus que se afirma em impressões profundas, numa experiência mística, religiosa, na qual a atividade do homem tem a sua parte, mas cuja parte principal cabe à atividade de Deus.

Em todas essas definições, existe alguma verdade, que porém merecem ser completadas. Parece-nos, por isso, que devemos retomar a nossa definição do catecismo e meditá-la. O que é a oração? A oração é *“uma elevação da alma a Deus”*. Vamos suprir a e palavra *“elevação”*: a oração é uma caminhada de toda a nossa pessoa para Deus. A oração é uma tomada de contacto com Deus, para um intercâmbio com Ele; é uma conversação, ou como dirá Santa Teresa, *“um comércio afetuoso”*.

Evidentemente, é o amor que está na base da união, do intercâmbio, no princípio do movimento, e que é também, o fim, pois quem ama quer amar sempre mais; e o amor é, ao mesmo tempo, o laço que une.» (Ao Sopro do Espírito: oração e ação, p. 70-71)



«Ir para Deus é procurá-lo nele mesmo, ou dentro da natureza, da criação ou além do mundo criado, no mundo dos possíveis, no infinito da criação ou no infinito do além... Deus não é somente uma coisa. Deus é um ser vivente.» (p. 71)



A oração, como caminho que nos conduz para Deus, permite, igualmente, que, como filhos, possamos exercer no mundo a ação divina de Deus, na qual participamos e pela qual somos os seus cooperadores, mediante a fé.

«Somos Deus por participação, somos filhos de Deus.

O cristão recebeu no batismo um meio, um instrumento, um poder: a virtude sobrenatural da fé que lhe vai permitir esse contacto, essa união com Deus, vai-lhe franquear a distância entre Deus infinito e nós. Para procurarmos Deus presente em nós ou no tabernáculo, temos a virtude da fé, essa riqueza incomparável, pois ela nos permite atingir Deus. No batismo recebemos a vida sobrenatural, que tem, como qualquer vida, meios para se mover e se desenvolver.» (p. 76-77)



«Se quisermos, fixemo-nos exatamente nisto: a oração faz-nos mergulhar em Deus, faz-nos entrar em contacto com Ele, e quando perfeita, faz-nos, ao mesmo tempo, participar das suas operações.» (p. 85)



Fé e oração...

«A inteligência recebe a fé, e a fé não poderá agir sem a inteligência.

A fé age, ao mesmo tempo, com a luz que lhe vem da inteligência e com os sentidos, tal como o enxerto da vinha recebe a seiva através do cepo primitivo e das raízes da vinha fixadas na terra. Mas esse enxerto dará o seu fruto próprio, que é o seu, e não do cepo primitivo. Igualmente, na alma a fé produzirá o seu ato próprio, que não é ato da inteligência, mas ato da virtude da fé, ato sobrenatural.» (p. 79)



«A fé tem a vantagem incomparável e suprema de estabelecer contacto com Deus. E é isto a oração: esse contacto com Deus. No Evangelho, quase a todo o instante, nas relações de Jesus com as multidões ou com as pessoas que lhe pedem uma graça, vemos o efeito da fé. Quando alguém pede um milagre a Nosso Senhor, quase sempre ele pergunta: “Tendes fé?” Quer dizer: estais verdadeiramente em relação comigo, tomaste contacto comigo, com a divindade que está em mim, com o poder da minha divindade? Estabelecido o contacto, o milagre se realiza.



Às vezes, acontece, mesmo que não haja diálogo entre Nosso Senhor e a pessoa que lhe pede a hemorroíssa de Cafarnaum, que se aproxima dele dizendo de si para si: “Oh! Se eu conseguir tocas ao menos na orla da sua veste, ficarei curada”. Efetivamente ela toca a orla das roupas de Nosso Senhor, co fé, e logo se sente curada. E Nosso Senhor volta-se: “Quem me tocou?” Os apóstolos dizem: “Tanta gente te comprime, e perguntas quem te tocou?” Sim, alguém tocou nele; foi a fé que tocou nele, que o atravessou como espada, por assim dizer, e arrancou dele uma virtude.

Assim como a cananeia que lhe suplica com fé. Como o centurião que lhe suplica com fé. Todos provocam em Nosso Senhor um estremecimento. A hemorroíssa produziu um tremor no Cristo. O centurião provocou entusiasmo: “Em Israel, jamais encontrei tanta fé!”





Esse entusiasmo, esse estremecimento que sentimos em Cristo, nós produzimos em Deus cada vez que tocamos nele com a fé, com fé ardente. Esse é o contacto da oração, eis aí o valor da oração, diríamos a essência, a parte essencial da oração. Claro que a oração é uma atitude exterior, um recolhimento, um pensamento; é sobretudo um contacto com Deus; a oração consiste nisso.

Esse contacto é profundo; e quando mergulhamos em Deus, e nesse contacto se estabelece, há um verdadeiro intercâmbio. Deus é um oceano, Deus é um fogo, Deus é uma fonte viva. Cada vez que entramos em contacto com Deus, tocamos no oceano que Ele é; por conseguinte, haurimos dele a substância divina, podemos receber um aumento de participação na vida divina que é a graça em nós.

É possível que não obtenhamos a graça especial temporal que pedimos; recebemos porém algo muito melhor, porque nos divinizamos ao contacto com Deus. A oração é isto: é essencialmente esse contacto com o Deus vivo, com o Deus que reage, não como simples ser inanimado, mas como pessoa viva, por um frêmito, pelo dom que Ele faz de si mesmo.» (p. 80-82)



A oração é sempre eficaz...

«Acredita-se, muito frequentemente, que para a oração ser fervorosa, eficaz, penetrante, é preciso ser carregada de alguma atividade exterior ou intelectual muito grande: não mesmo. Ainda que não possa mais pensar, devido ao estado de fadiga em que não tenho mais à disposição as minhas faculdades, e que me deixa insensível, contanto que essa virtude da fé que está em mim procure a Deus, manifeste fé e amor a Deus, a minha oração será eficaz.

A oração é sempre possível, exatamente porque a alma pode sempre fazer esse ato interior de fé.» (p. 83)





«Sabemos que a nossa oração, sendo sempre possível, pode tornar-se contínua, quando a temos como hábito; a nossa oração deve permanecer, pelo menos na tendência e no desejo, tão contínua quanto possível.» (p. 83)

O poder da oração...



«É Deus quem dirige o mundo, e nós temos um meio de participar desse poder de Deus, e por isso da direção do mundo com Ele. Pela oração, pelo contacto com Ele, envolvendo-nos com ele, unindo-nos a Ele, por assim dizer, dirigimos o mundo com Ele. E Santa Teresa diz-nos que a alma que reza comanda alternadamente na sua união com Deus. Deus deixa-lhe governar o mundo, em momentos, em horas. Ou melhor, ela é toda submissa a Deus, porém Deus, que não se deixa vencer em delicadeza, deixa a ela governar o mundo.» (p. 84-85)

«Quando estivermos no Céu e virmos as coisas na verdade, ficaremos maravilhados, vendo como Deus foi delicado com os homens, com as almas que lhe foram unidas, deixando-lhes a direção do mundo, cedendo até mesmo aos seus desejos na direção dos acontecimentos. Eis a oração, assim dirá Santa Teresa do Menino Jesus, como uma rainha, com poder mergulhando no seio de Deus e no governo do mundo.» (p. 85)



«Ousou-se dizer, às vezes, que a alma de oração era uma egoísta, que procurava impressões na oração e que abandonava o mundo. Oh, não! Os infelizes que dizem isso é que não compreenderam, mesmo sendo cristãos, o que é a oração, a essência dela. Não, o meio de se interessar pelo mundo e de praticar a caridade para com o mundo – há outros, e não digo que seja o único, mas é enfim o mais eficaz – é o de entrar nesse movimento de Deus através da oração.» (p. 85)



Dificuldades na oração...

- Encontrar tempo
- Oração e trabalho
- Recolhimento



□ Encontrar tempo

«Sob o ponto de vista da oração, a primeira dificuldade é de encontrar tempo para fazê-la. É a primeira objeção apresentada pelas pessoas, a quem se propõe: “*Eu não tenho tempo, não tenho tempo para fazer oração*”.» (p. 103)





«É certo que, se alguém deseja colocar a oração na sua vida, primeiro coloca-se um problema de organização da vida pessoal. Acrescentar, numa vida já organizada, o exercício da oração, que pode ser de meia hora, uma ou até duas horas, parece um problema quase insolúvel, porque todos somos pessoas muito ocupadas, sobrecarregadas, transbordantes.» (p. 104)

«Não se deveria considerar a oração como um exercício acessório. É preciso colocá-la na vida como atividade de estima, e tão essencial, a cada dia, quanto o sono e o repouso, pelo menos, como exercício muito útil.» (p. 105)

«A oração quando inserida na vida, traz um elemento de equilíbrio. Uma hora de oração constitui, no dia, não digo uma hora de repouso completo, uma hora de sono, mas certamente uma hora de equilíbrio.

Dizem com frequência – são Francisco de Sales particularmente – que os contemplativos agem muito mais depressa, porque a oração permite um tempo de repouso, de relaxamento, e afina as faculdades e as aperfeiçoa até sob o ponto de vista humano, numa palavra, assegura o equilíbrio. O tempo que parece perdido na oração reencontra-se na intensidade do trabalho que se produz.» (p. 105)





«Para resolver esse problema da inserção da oração na nossa vida, será preciso ter em conta as diversas circunstâncias: o grau da nossa vida espiritual, da nossa aptidão, numa palavra, do que nós queremos colocar como oração na nossa vida. Colocar duas horas, para alguns parecerá muito, e efetivamente o será: para outros, uma hora estará bem; para outros meia hora. Se queremos que a oração tenha certa influência sobre a vida, parece necessário chegar a meia hora.

Como organizá-la? Pode-se dividir esse tempo em duas, três ou em quatro partes, segundo as aptidões, e resolver o problema dessa maneira. Eu mesmo vi muita gente ocupada: mães de família, lares religiosos que têm ocupações pesadas, preocupações de governo com forte carga de correspondência – e, no entanto, chegam a ocupar duas a três horas de oração.» (p. 106)

□ Oração e trabalho

«É possível estar em oração no trabalho manual. Entretanto, não creio que se possa contentar de rezar trabalhando. É preciso fazer um exercício de oração fora do trabalho, para se entregar só a isso... Encontramos de tempos a tempos pessoas que nos dizem: *“Eu penso o dia todo em Deus, pelo menos eu penso muito frequentemente. Não tenho necessidade de fazer um exercício de oração”*. Então dizemos-lhes: *“Não. Creio que é necessário o exercício da oração. Se vocês já pensam em Deus tão facilmente, o que seria se dessem a Deus, um tempo particular para isso?”*» (p. 106-107)



□ Recolhimento

«Na oração, existe outra dificuldade. A oração exige recolhimento, comporta uma atenção voltada para Deus, uma concentração de todas as faculdades em Deus. A oração é um intercâmbio afetivo com Deus, e da nossa parte esse intercâmbio exige que elevemos para Ele todas as nossas faculdades. Estamos falando da parte ativa que o homem deve ter na oração, orientando a inteligência e os sentidos para Deus. Nesse recolhimento é necessária, pois, certa moldura, certas condições particulares... esta dificuldade deve ser vencida com certa organização. Organização que será primeiramente, escolher o tempo e o lugar da oração.» (p. 107)



Para ajudar a superar as dificuldades no recolhimento deve-se ter em conta:

- *A escolha do momento*
- *Escolher a moldura*
- *Conhecer o próprio temperamento*

«Santa Teresa diz: Quando alguém sente dificuldade para se recolher na oração, o primeiro ensaio a tentar é trocar a hora da oração e fazê-la em outro momento, para ver se é melhor. Aqui não existe regra geral: cada um tem o seu temperamento, as suas aptidões.» (p. 108)

«O que escolhemos como moldura? Isso vai depender de cada um. A moldura deve ser a que mais nos faça recolhidos, onde somos senhores de nós mesmos, e não vítimas do enervamento; a moldura em que mais sentimos a posse das nossas faculdades, onde podemos dominar-nos melhor.

É preferível recolher-se diante do Santíssimo Sacramento, ou procurar a solidão?... Segundo as condições da sua vida ordinária, cada um escolherá a moldura que lhe é mais favorável e acessível.» (p. 109-110)



«Trata-se de tomar contacto com Deus. Esse contacto, eu o tomarei pela meditação, se sou intelectual; se não o sou, tomarei uma imagem, como aconselha Santa Teresa, e olharei para ela. É o que fazia Santa Teresa do Menino Jesus: tinha uma imagem que muito lhe agradava, representando o tabernáculo com uma grade; e ela dizia: *“É o divino Prisioneiro”*. O que mais querem! Trata-se de pegar o permite chegar ao contacto.

Outros utilizarão a oração vocal. Santa Teresa de Ávila conta: *“Uma pessoa dizia-me que não sabia fazer oração, que não podia rezar o Pai-Nosso. Mas eu percebi que com o seu Pai-Nosso, ela chegava a uma contemplação muito alta”*.» (p. 115-116)

Teresa de Lisieux, exemplo da oração contemplativa...

«Teresa dizia que nunca passava mais de três minutos sem pensar em Deus. O que é esse olhar dirigido para Deus? É evidentemente a contemplação. Santo Tomás diz-nos que a contemplação é um simples olhar para Deus. E Teresa tinha esse olhar; por conseguinte, ela era contemplativa. A contemplação não consiste em graças extraordinárias, ou êxtases, ou experiências de Deus; é simplesmente olhar. Creio que é muito importante prestar atenção a esta definição para fazermos a nossa oração.» (p. 119-120)





«A grande urgência atual: Dar tempo a Deus»

Pe. Eugénio Maria do Menino Jesus

Jesus, por intercessão do nosso irmão, o Beato Eugénio Maria do Menino Jesus, pedimos-Te que seja nosso o seu desejo de repetirmos sem cessar: *«Quero ver a Deus»*. E, pelo *«Espírito de amor, chama amiga que consome e que se doa»*, conduz-nos à santidade pela via da humildade e confiança da criança que repousa no peito da sua mãe. Tu que vives e reinas com o Pai, na unidade do Espírito Santo. Amém.

